

General atribui ataque na fronteira a garimpeiros

Ricardo Miranda

TABATINGA, AM — O general Antenor de Santa Cruz Abreu, comandante militar da Amazônia, admitiu ontem que podem não ser guerrilheiros, mas garimpeiros colombianos, os responsáveis pelo ataque sofrido terça-feira passada por 17 soldados brasileiros de um destacamento do Primeiro Batalhão Especial de Fronteira, nas margens do Rio Traíra, limite com a Colômbia. Há suspeitas de que a chacina, que matou três soldados brasileiros, tenha sido provocada por garimpeiros colombianos de uma área conhecida como *Garimpito*, a dez quilômetros da cidade colombiana de Puerto Nuevo, na fronteira com o Brasil.

Atualmente, cerca de 4 mil garimpeiros habitam essa área. Só no ano passado, o destacamento prendeu 80 garimpeiros colombianos dentro de território brasileiro, a maioria tentando alcançar um descampado antes usado pela empresa mineradora Paranapanema, onde já foi encontrado ouro. "Onde existe ouro, existem homens e brigas", disse o general Santa Cruz. "Se não foram mesmo guerrilheiros, tem de ser um grupo muito bem organizado. Isso não é coisa de amador", afirmou.

O general, que com uma dezena de militares sobrevoou ontem 500 quilômetros na selva amazônica, a bordo de um Búfalo da FAB, distância entre Tabatinga, sede do 1º Batalhão Especial de Fronteira, e o local da chacina, disse que vai pedir ao ministro do Exército, general Carlos Tinoco, em Brasília, recursos para equipar seus soldados e melhorar a vigilância na fronteira. "Estou muito preocupado com a evidente precariedade desse destacamento", disse o general, que comparou o local a uma favela. Segundo Antenor, foram aprovados recursos para a construção de um alojamento no destacamento do Rio Traíra, que hoje funciona sem eletricidade, ou sistema de esgotos. A única água disponível aos soldados é a do próprio rio e o transporte mais usado é uma balsa, que leva três dias entre o povoado de Vila Bittencourt, área mais próxima, e o local.

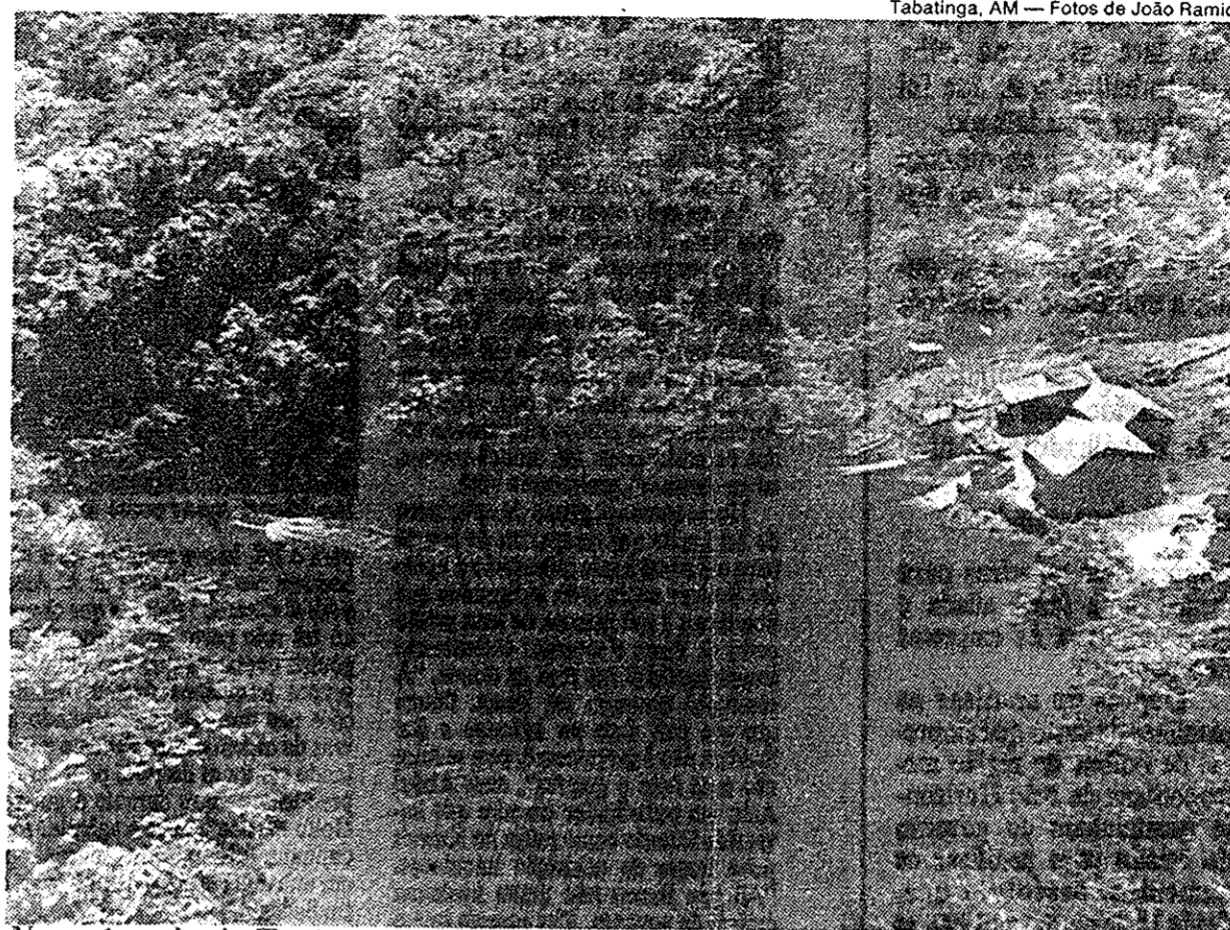
A Operação Traíra, como foi batizada pelos militares, prevê a manutenção por tempo indeterminado de 47 homens no destacamento onde ocorreu o incidente. As patrulhas realizadas na área desde sexta-feira passada indicam que os colombianos atravessaram de volta o Rio Traíra, que marca a fronteira entre

os dois países, e fugiram de volta para a selva colombiana. "Temos a área dentro do nosso controle", afirmou o general Taumaturgo Sotero Vaz, chefe do Estado Maior da Região.

Tensão — Depois de um voo de 40 minutos, a partir da Vila Bittencourt, o helicóptero levando o general Santa Cruz e outros militares pousou às 12h55 numa pista de terra do destacamento, na verdade um campo de futebol abandonado. Foi uma recepção tensa, sem honras militares, com quatro dezenas de soldados, todos fortemente armados, com uniforme de camuflagem e rosto pintado com carvão e guache verde, cercando o local dentro de trincheiras, protegidas por toras de madeira. Em substituição aos 17 fuzis automáticos roubados, foram enviados ao local outros iguais, além de modernas metralhadoras Maggi, fabricadas na Bélgica. Durante toda a permanência do general no posto, que durou uma hora, dois barcos a motor com soldados armados ficaram nas margens do Rio Traíra. Desde sábado passado, um grupo de 47 soldados guarnece o destacamento, recebendo alimentos e munição suficientes apenas para 48 horas — uma maneira de evitar perdas e outros roubos.

As três casas de madeira, que formam o destacamento, cobertas por uma capa de plástico azul, guardam dezenas de buracos de bala do incidente. No local onde os soldados foram metralhados, no alojamento apelidado de Cassino, o general Santa Cruz reuniu os oficiais presentes para pedir empenho na procura dos colombianos. Pelo menos três já haviam sido vistos pelos soldados brasileiros na fronteira. "As dificuldades para permanecer nessa área são muito grandes", explicou o general. "Estamos acostumados a lidar com garimpeiros, mas nunca esperamos uma ação de guerrilheiros", disse.

"Posso assegurar que não houve negligência ou despreparo dos soldados brasileiros. Vamos dar a resposta certa no momento certo", garantiu o coronel Evandro Augusto Panplona Vaz, comandante do Batalhão Especial de Fronteira. Ao se despedir dos soldados brasileiros que passarão as próximas semanas guardando esse trecho da fronteira, o general Santa Cruz se emocionou: "Vocês devem se conscientizar que atual missão é muito grave", disse.



Tabatinga, AM — Fotos de João Ramid

Nesta área do rio Traíra os atacantes desembarcaram para metralhar a guarnição

Famílias ficam sem indenização

Os soldados Sanção Ramos Gonçalves, de 25 anos, Sidnei Fonseca de Moraes, de 22, e Ademir Lopes de Oliveira, de 19, mortos no ataque de terça-feira, "tomaram no cumprimento do dever", como define o Exército, e serão lembrados como heróis da pátria. Suas famílias, no entanto, não receberão qualquer indenização por isso. O único legado que eles deixam para seus beneficiários é uma pequena pensão equivalente a cerca de 40% do vencimento que recebiam na ativa, algo em torno de Cr\$ 16 mil mensais.

A situação mais grave é a da família de Sanção, que deixou mulher e dois filhos. Ele ganhava pouco mais de Cr\$ 30 mil líquidos e os seus dependentes terão de sobreviver, agora, com uma renda equivalente ao salário mínimo. Os outros dois eram solteiros. A situação da maioria das viúvas dos militares é difícil, devido aos atuais critérios de fixação das pensões, informou o Centro de Comunicações do Exército. O Estado Maior das Forças Armadas elaborou uma minuta de projeto de lei, denominado de *soldão*, corrigindo uma série de distorções tanto nos soldos do pessoal da ativa como nas pensões e aposentadorias. O documento será enviado nos próximos dias ao presidente Fernando Collor para análise e posterior encaminhamento ao Congresso Nacional.

A remuneração de um soldado da ativa varia entre Cr\$ 28 mil e Cr\$ 35 mil, conforme o tempo de serviço. Os militares que servem em áreas de fronteira tem uma gratificação de 40% sobre o vencimento básico, além de vantagens indiretas. Caso os guerrilheiros sejam presos e tenham seus bens confiscados pelo governo colombiano, existe a remota hipótese de as famílias dos mortos receberem indenização.

Militar faz reconstituição

O ataque ao 1º Batalhão Especial de Fronteira, às margens do Rio Traíra, um braço de 40 metros de largura que marca o limite com a Colômbia, foi comparado ontem pelos oficiais do Exército a uma verdadeira chacina. Com o testemunho dos feridos e a ajuda dos novos soldados que assumiram o destacamento, foi possível montar uma reconstituição do episódio.

Passavam poucos minutos do meio-dia de terça-feira quando os soldados foram chamados para o almoço — arroz de carreteiro, feijão e salsicha picada. Dos 17 brasileiros, dois ficaram de guarda dos dois lados do destacamento. Um barco vindo do lado colombiano do Rio Traíra despejou uma dezena de colombianos armados a 300 metros do destacamento, permitindo que os supostos guerrilheiros atacassem em três frentes: cercaram os dois lados do alojamento e mantiveram outro grupo de apoio na margem colombiana do rio. Os dois primeiros soldados que estavam vigiando foram alvejados e morreram na hora.

Em seguida, os colombianos descarregaram a munição sobre o *Cassino*, o alojamento onde todos almoçavam naquele momento, matando outro soldado brasileiro e dois garimpeiros colombianos, que haviam sido presos por terem entrado irregularmente no país. Os demais soldados não morreram porque, com o tiroteio, o piso do cassino, uma palafita de madeira, despencou, protegendo-os dos disparos. Em seguida, os agressores perguntaram quem era o comandante. Quando o tenente Frederico Augusto Pinto de Freitas, comandante do alojamento, se identificou, levou três tiros no Joelho.

As balas retiradas dos corpos dos nove feridos, todos internados em Tabatinga e Manaus, são de calibre 5,56 — as mesmas usadas pela metralhadora israelense Uzi. Todo o ataque não durou mais de dez minutos e, ao final, os soldados brasileiros não haviam disparado nenhuma bala. Os 40 colombianos usaram durante todo o momento uniformes e boinas verdes da Polícia Militar da Colômbia, além de terem os rostos pintados com carvão.

Eles se identificaram como integrantes da Força de Paz Simon Bolívar, facção do grupo esquerdista colombiano Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), e lamentaram a morte, por engano, de dois colombianos durante o tiroteio. "Eles alegaram que, como os soldados brasileiros não deixavam os garimpeiros colombianos entrarem no país, tinham vindo revidar", contou o capitão Ivan Carlos Angonese, que conversou com os sobreviventes. Foram levadas armas, rádios e uniformes.

Apesar de serem normais os contatos diários por rádio com a sede do 1º Batalhão Especial de Fronteira, nesta cidade, que fica a 500 quilômetros do local da chacina, a falta de contato do destacamento, durante três dias, não provocou qualquer reação do Exército. Somente na sexta-feira passada, quando um novo grupo de soldados foi substituir o anterior, foi descoberta a chacina. Os corpos dos mortos já estavam em decomposição. Os soldados brasileiros Sanção Ramos Gonçalves, Sidnei Fonseca Moraes e Ademir Lopes de Oliveira tiveram seus corpos colocados em sacos e foram enterrados no dia seguinte nesta cidade. Os corpos dos dois colombianos, porém, foram incinerados e, no local, foi colocada uma pequena cruz de madeira. (R.M.)

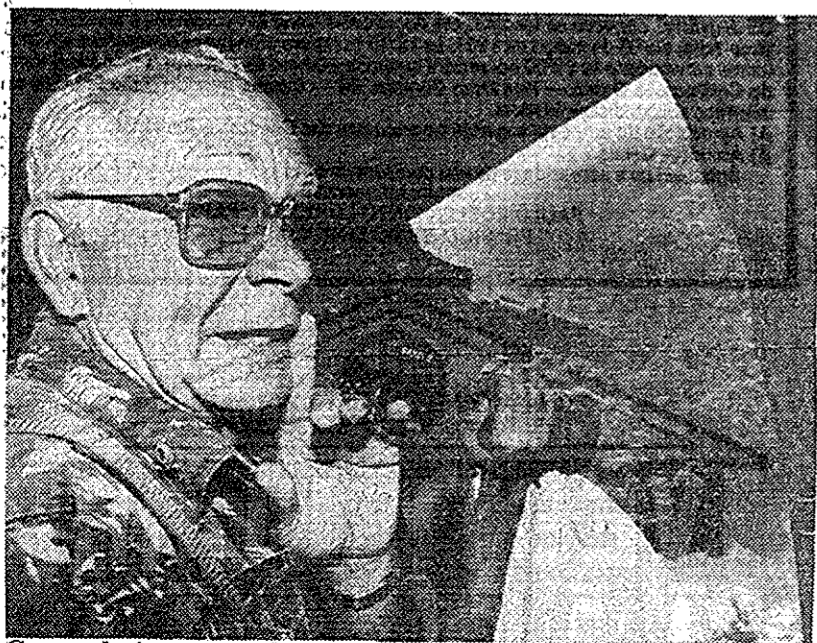
Brasil e Colômbia fazem acordo

BRASÍLIA — As Forças Armadas do Brasil e da Colômbia discutirão hoje os detalhes da comissão binacional que vai reforçar o policiamento da fronteira entre os dois países, para evitar novos ataques como o ocorrido no destacamento militar brasileiro próximo à cidade de Tabatinga, no Amazonas. Durante a ofensiva, foram mortos três soldados, sepultados sábado, e nove ficaram feridos, um deles gravemente. Dos dois lados da fronteira, tropas especializadas no combate a guerrilhas atuarão de forma integrada, com ostensivo policiamento aéreo e terrestre, num esquema semelhante ao implantado nas divisas da Colômbia com o Equador, ao Sul, e com a Venezuela, ao Norte.

Na noite de sábado, o Exército removeu para o Hospital Geral da guarnição, em Manaus, seis militares feridos do primeiro-tenente Frederico Augusto Pinto de Freitas, comandante do destacamento de Tabatinga, baleado no Joelho; o terceiro-sargento José Rosa Siqueira, que teve a mandíbula fraturada; o terceiro-sargento Antônio Regis Lima da Silva, que sofreu fratura no úmero; o cabo Nelito de Sena Costa, atingido no tórax; o soldado Airtton Sampaio, baleado na perna esquerda; e o soldado Carlos de Castro Moçambique, atingido no abdômen. Ferido por arma de caça, Moçambique foi operado emergencialmente para extração da carga de chumbo espalhada na região do ventre e seu estado inspira muitos cuidados. Três feridos levemente estão sendo tratados na própria cidade de Tabatinga.

A ação foi atribuída inicialmente pelos dois governos a 40 guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, o mais antigo grupo esquerdista armado do país em atividade. Antes de viajar em missão oficial, ontem, ao México, o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, considerou satisfatório o empenho do governo colombiano em solucionar a questão e descartou a idéia de reclamar indenizações, já que a agressão ficou caracterizada para os dois países como "banditismo comum". Diante das providências anunciadas pelas autoridades da Colômbia, Rezek aceitou "o voto de pesar" transmitido pelo embaixador colombiano, German Rodrigues Fonnegra, em nome do governo e do povo do seu país.

Rodrigues reafirmou, ontem, que será reforçada a vigilância do lado colombiano da fronteira e fornecida toda colaboração possível ao governo brasileiro. Ele disse que as autoridades de seu país ficaram "surpresas" com a ousadia do ataque e garantiu que os supostos guerrilheiros serão procurados "como delinquentes comuns" e punidos como tal. Rezek considerou satisfatória a posição colombiana e disse que o incidente não prejudicará as boas relações entre os dois países.



General Antenor sobrevoou a fronteira com a Colômbia